

⑦

Decreto nº 9822 de 14 de outubro de 1978

Denomina " Antonio Borges Pires Leal ",
a rodovia PA-156, que liga Cametá a Tucuruí.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ, usando de suas atribuições legais, e,

CONSIDERANDO os inegáveis benefícios que a região do Rio Tocantins deve à obra construída por Antonio Borges Pires Leal, que, como autentico desbravador e sertanista, não poupou esforços para dar a conhecer as imensas riquezas da área, executando ousados planos de escoamento através de estradas de penetração que interligassem as mais ricas e expressivas partes da Bacia Tocantina;

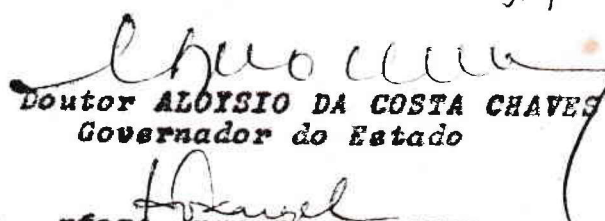
CONSIDERANDO que o Poder Público tem o dever de reconhecer essa incalculável contribuição, homenageando a memória daquele que tão bem representou o esforço construtor da iniciativa privada na área, como o mais autentico pioneiro da rota da atual estrada da castanha que o Governo vem de realizar,

D E C R E T A:

Art. 1º - Fica denominada " Antonio Borges Pires Leal " a estrada PA-156, que liga Cametá a Tucuruí, neste Estado.

Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, 14 de outubro de 1978.


Prof. Doutor ALOYSIO DA COSTA CHAVES
Governador do Estado


HÉLIO ANTONIO MORARZEL
Secretário de Estado de Administração



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA DE ESTADO DE ADMINISTRAÇÃO

Of. nº 369/76-GAB/SEAD

Belém-Pará, 20.10.76

Prezada Senhora: (1)

À ordem do Exmº Sr. Governador do Estado, fazemos comunicar-lhe que S. Exa. a 14 do corrente, assinou Decreto (cópia anexa) denominando a rodovia que liga Cametã a Tucuruí, de " ANTONIO BORGES PIRES LEAL ", preito de reconhecimento à memória de quem, em anos de profícua labuta, fez na area acima referida, a credibilidade ao progresso que experimenta.

Para, o ato de inauguração, fazemos, ainda, em nome de S. Exa. , convidá-la com todos os membros da ilustre família, a comparecerem à cidade de Cametã no dia 06 de novembro próximo às 16 horas, para assistirem à solenidade inaugural da rodovia " ANTONIO BORGES PIRES LEAL ".

Valemo-nos do ensejo para empresar-lhe elevados protestos de consideração e distinguido apreço.

HÉLIO ANTONIO MOKARZEL
Secretário de Estado de Administração

(1) Maria Ponte Souza (Mariceta)
esposa de
Antonio Borges Pires Leal.

Marieta. (Mama Ponte Souza)

Para que você aprecie, uma singela homenagem que, em discurso que proferi na Câmara Federal, em 14 do passado mês, sobre as atividades do seu marido, meu amigo, Antônio Borges Pires Leal - durante o tempo em que militamos na zona do Tocantins. Não quis mencionar nomes, sempre foi a modestia do Borgeinho, como a minha, mas relatei o que, há pouco de 50 anos fizemos pelo engrandecimento do nosso querido Pará, hoje já tão modificado pelos que nos sucederam naquela região. Que o Pará, que a Amazônia, se integrem ao Brasil, sempre ferava estes os nossos desejos - Com um abraço -

22.10.970.

do
Antônio.

BORGINHO, UM PIONEIRO INCOMPREENSÍVEL E INJUSTIÇADO

ANTONIO BORGES PIRES LEAL, o Borginho, maranhense de nascimento, cuja família tem suas raízes no Piauí, onde um seu irmão (João de Deus Pires Leal) chegou à presidência do Estado, nos idos de 1930, foi realmente um pioneiro do Tocantins, distinguindo-se pela sua audácia, coragem e pertinácia.

Homem de sólida cultura, jornalista ardoroso, polemista de primeira água, Borges Leal foi, acima de tudo, um idealista cujas convicções defendeu durante sua vida. Simples na sua aparência, porém valente na defesa de seus pontos de vista, Borginho foi um personagem que deu tudo de si pelo progresso da região tocantina sem esmorecimento, apesar dos fracassos. Espírito forte, Borginho costumava repetir aquela famosa expressão, quando fracassava: perdi a batalha mas não perco a guerra, cujo cenário era o Tocantins.

Sua primeira experiência ou tentativa ocorreu em Boa Vista do Tocantins, hoje Tocantinópolis, onde sonhou com a exploração racional do babaçu, riqueza principal da região, desenhando máquina própria para a extração das amêndoas e montando uma usina adequada para extrair o óleo. Naquela época não havia estradas e o transporte era feito através do rio, com interrupção nas cachoeiras, circunstância que tornava a operação uma temeridade. Mesmo assim Borginho não esmoreceu nos seus sonhos, levando até ali uma caldeira e as máquinas necessárias para suas indústrias. Simultaneamente montou máquina para o beneficiamento de arroz, tendo na pessoa de Pedro Caruciro de Moraes e Silva, também maranhense, o seu braço forte como encarregado das máquinas e das operações.

Vendo os seus sonhos sobre a piscicultura esfumados como quimeras, deixou as plagas goianas e desceu o rio para

tentar na região de Marabá os negócios de castanha, cujo controle era enfeixado nas mãos de um grupo reduzido de proprietários de castanheiras, eleitos pelo poder público que a própria Revolução de 1950 não conseguiu desarticular. Depois de estudar as condições

bancário e muito menos de segurança para o trabalho de seus aviados.

Durante o período do Estado Novo, Borginho lutou por todos os meios a seu alcance,

enfrentando a ira dos poderosos, com a apresentação de memoriais pugnando pela socialização dos castanheais nativos, pela proibição de concessões a estrangeiros, pela formação de cooperativas e, sobretudo, pela criação de castanheais de Serventia Pública localizados próximos de Marabá e que seriam reservados aos humildes moradores registrados previamente para aquele fim.

Combatido pelo poder público da época, Borginho, quase em desespero, escreveu um manifesto que intitulou NEGOCIATAS

ESCANDOLAS, tentando sensibilizar as autoridades federais para o problema dos castanheais da região tocantina. Foi brado inútil que ainda lhe deu maiores dores de cabeça, perdendo até o castanhal que lhe era concedido por arrendamento anual. Isto, porém, não quebrou sua energia, exigiu e obteve um castanhal suíça, na região longínqua do rio

Vermelho, naquela época infestado por índios agressivos, onde o produto jamais poderia ser aproveitado no tempo próprio, pelas precárias condições de navegabilidade do próprio rio. Os batelões e motores dificilmente chegavam à Macaxeira (era este o nome do Castanhal) numa viagem regular de ida e volta. Mas, o persistente Borginho tinha as suas idéias para qualquer situação difícil: Abriu uma estrada para tropeiros, que, partindo de Marabá, atravessava o Sororó e margeava o Rio Vermelho até atingir a Macaxeira.

No castanhal Macaxeira, Borginho fez obra de fundamento: Abriu roçados, preparou pastagens (Continua)



Esquerda para direita, a veneranda senhora Mariete, esposa do falecido Borginho. Dr Antonio Nunes da Silva, neto de Borginho, e Mariete e, Nizia Anselmi Sarmento Silva esposa do Dr Antonio.

da coleta da castanha, Borginho concluiu que a única maneira objetiva de enfrentar os magnatas detentores da situação, seria a criação de cooperativas de extratores, classe numerosa que enfrentava o risco da floresta agressiva, durante um longo exílio, sem qualquer amparo e assistência ao seu trabalho produtivo. As cooperativas foram duramente combatidas pelos poderosos, receiosos de perderem seus privilégios. Antonio Borges Pires Leal se transformou num paladino dos humildes, dos pequenos proprietários de castanheais, justamente aqueles que não tinham meios de sobrevivência e nem dispunha de regular financiamento